



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

CONFLITOS ENTRE AGRICULTURA CAMPONESA E MINERAÇÃO NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO EM UM PROJETO DE EXTENSÃO POPULAR

Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG) Campus Muriaé

Julio Cesar Pereira Monerat¹

¹ Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG) Campus Muriaé.

Resumo: Projeto de extensão popular do campus Muriaé do IF Sudeste MG junto às comunidades camponesas do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro ameaçadas pelo avanço da mineração de bauxita pelo grupo CBA-Votorantim através de metodologia de formação popular (Paulo Freire) que problematiza identidades registradas em depoimentos filmados.

Palavras chave: campesinato, conflito, identidade.

1. Introdução

O IF Sudeste MG – Campus Muriaé por meio de um projeto de extensão popular com participação de docentes e alunos bolsistas participou da criação do *Fórum de Defesa da Vida e do Meio Ambiente*, no ano de 2012, em Muriaé, juntamente com movimentos sociais, pastorais, ambientais e sindicais que vinham se articulando desde o início dos anos 2000 na *Comissão por Atingidos pela Mineração na Zona da Mata de Minas Gerais* como uma resposta à ameaça representada pela mineração de bauxita no entorno do *Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB)*. Dentre as ações desenvolvidas pelo *Fórum* está a filmagem de depoimentos de lideranças comunitárias rurais vinculadas à resistência à mineração realizada com financiamento do *Fundo Solidário* da *Cáritas Diocesana de Leopoldina* que é exibida às comunidades ameaçadas como motivação ao debate sobre os impactos da mineração.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



2. Material e Metodologia

São os depoimentos dessas lideranças que constituirão a base das análises aqui desenvolvidas por revelarem diferentes posicionamentos dos sujeitos envolvidos em relação à mineração, incluindo desde os conformados até os que se opõe à prática minerária, passando, pelos defendem a negociação com a Mineradora *CBA-Votorantim* visando ações mitigadoras. Objetivando melhor desenvolver o projeto de extensão e garantir sua dimensão popular, fomos levados à busca de uma reflexão mais aprofundada sobre os diferentes posicionamentos. É sobre este momento de busca de compreensão da realidade trabalhada através do projeto de extensão que trataremos a seguir, tendo em vista uma *práxis* metodologicamente fundamentada na pedagogia de Paulo Freire e, conseqüentemente, no protagonismo dos sujeitos sociais envolvidos. Partindo-se do entendimento que os próprios sujeitos sociais têm de suas condições, a extensão popular objetiva problematizá-la no sentido de possibilitar uma reflexão crítica que, por sua vez, levará ao desenvolvimento de ações coerentes com tal postura crítica.

Na *Campanha da Fraternidade* (CF) do ano de 1986 cujo tema era “Fraternidade e Terra” (CNBB, 2011), entidades sociais e pastorais assumiram como “gesto concreto” o compromisso de organização e fortalecimento dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STRs) na diocese, que levou a um avanço na organização dos trabalhadores rurais da Forania de Muriaé a partir das ações desenvolvidas pelos Círculos Bíblicos e pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) (FÓRUM, 2013).

Na década de 2000, no entanto, a realidade camponesa torna-se mais complexa devido especialmente a dois fatores: i) políticas públicas voltadas à agricultura familiar ainda a partir dos anos 1990 fortalecem a simbologia que identifica o modo de vida camponês com o atraso socioeconômico e prevê a contínua inserção de uma agricultura familiar modernizada à lógica mercantil capitalista ou seu desaparecimento, conforme define o paradigma do capitalismo agrário (GIRARDI, 2008); ii) a ameaça representada pela mineração da bauxita à agricultura camponesa no entorno do PESB a partir dos anos 1990, cuja licença de lavra pertence ao grupo CBA-Votorantim e cujas ações levariam os camponeses a vender ou arrendar suas propriedades e mudar-se para a cidade permanente ou temporariamente.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Rothman (2010) acompanhou a expansão dos projetos de barragens e mineração na Zona da Mata Mineira e identificou dois sujeitos principais: i) a barragem ou mineradora e ii) os agricultores camponeses ameaçados ou atingidos, juntamente com ONGs, movimentos sociais, sindicais, pastorais dentre outros sujeitos, articulados em uma Comissão dos Atingidos pela Mineração, cujas ações oscilavam por períodos de maior ou menor mobilização em decorrência do envolvimento de seus membros com as pautas de lutas em suas comunidades e organizações, além, é claro, à pressão e à cooptação exercidas pela mineradora. A criação do *Fórum* seria uma forma de superar sazonalidade da mobilização.

Visando retomar o “trabalho de base” que originou a atual organização sindical camponesa na década de 1990 através das CEBs, o *Fórum* optou pela produção de um documentário com lideranças e agricultores a ser exibido nas comunidades como forma de problematizar a ameaça representada pela mineração, dentro de uma perspectiva educacional fundamentada em Paulo Freire (1987) e colocada em prática pelas pastorais sociais em uma dinâmica desenvolvida pela *Teologia da Libertação* (CNBB, 2014).

3. Resultados e Discussões

Os depoimentos das lideranças do *Fórum* constituirão a base que nos possibilitará verificar os distintos posicionamentos e, conseqüentemente, as identidades que eles revelam. Os depoimentos selecionados recebem breves comentários que buscam relacioná-los: a) à resistência ou à aceitação da mineração; b) à dimensão material (ou econômica) e/ou à dimensão imaterial (simbólica) e/ou política; c) sua relação com a realidade local e/ou à totalidade capitalista.

AGENTE PASTORAL (CPT)

As explorações de bauxita trazem impactos complicados na vida do homem do campo. Um dos impactos é questão do êxodo rural. Há uns dois anos atrás tava difícil [para] as famílias colherem o café delas. Com isso, as mulheres e as crianças tiveram que exagerar um pouco na hora de colher o café, pois, a juventude estava toda envolvida na lida da extração da bauxita.

Outra coisa é que, quem for minerar sua propriedade, como a terra não vai ter mais condição de produção, automaticamente irá para a cidade. Indo para a cidade, retornar ao campo é muito complicado. Geralmente quem vai para cidade não retorna ao campo. Então, o êxodo rural vai ser um dos complicadores dos impactos fortes na nossa região. A juventude que vem para a cidade, com certeza, não retorna ao campo. (...)



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Então, a gente entende que, se este projeto for para frente, será um projeto de morte para toda a beleza que nós temos, para o homem e a mulher do campo, para a região da Zona da Mata Mineira, pois, quem conhece sabe o valor que tem você poder contar com um ar limpo, poder se alimentar com produtos naturais, produtos orgânicos. E, se você acaba com isso tudo é uma morte para toda essa beleza, esse costume, essa maneira de viver que é nato do homem e da mulher no campo.

Comentário: a relação conflituosa é explicitada com a definição dos projetos em disputa: um de morte e outro de vida. Juntamente com a preocupação estética simbólica – beleza natural -, a condição material tem uma centralidade, o que pode ser verificado não somente pela referência à propriedade, mas também pelo destaque à importância da alimentação, do ar. Destaca uma consequência do conflito: o êxodo rural decorrente da mineração. Articula a dimensão simbólica à material a partir de uma identidade camponesa entendida como contraposição de projetos. É, porém, um entendimento do conflito que se restringe a uma dimensão local, sem articulação com a totalidade do capital.

RELIGIOSO

Todos nós sabemos que a chegada da mineradora pode representar a destruição não só da natureza, da água, de tantas nascentes que nós temos, como a destruição do próprio povo, de sua cultura, de sua vida. São Francisco tinha um grande sonho, o da Fraternidade Universal. Ele via em toda a criação irmão e irmã, por isso ele cantava a Deus louvores falando da Irmã Terra, da Irmã Água, das Irmãs Plantas e dos Irmãos Animais. Para ele, todos nós viemos do mesmo criador e, por isso, somos irmãos. Muitas vezes nós colocamos o dinheiro acima de tudo. Então muitas atividades, como essa da mineradora, vêm ameaçar a harmonia dessa fraternidade que é possível. Nós muitas vezes sonhamos com o progresso, sonhamos em ter isso e aquilo e por conseqüente acabamos com esse sonho possível de se ter uma Fraternidade Universal, colocamos nossos interesses, colocamos a vaidade humana acima da vida. Então ameaçamos tantas nascentes como estamos vendo nestas terras tão belas ao redor da Serra do Brigadeiro.

Comentário: A colocação feita por um religioso ligado às comunidades ameaçadas destaca a dimensão simbólica – ou imaterial. O conflito de projetos continua a ser base da argumentação. A simbologia está a serviço da defesa de uma modalidade de relação entre sociedade e natureza diferente daquela representada pela mineração. Marcada por expressões de cunho religioso como a “Fraternidade Universal”, é um depoimento crítico da sociabilidade que coloca os “interesses” acima da vida humana, mas o faz a partir de uma ótica genérica: “nós”, “nossos interesses”. Não há uma referência entre projetos e as classes sociais envolvidas no conflito.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

ASSESSORIA TÉCNICA (CTA-ZM)

Esse embate da mineração de bauxita na região é extremamente desproporcional, porque o poder econômico da empresa que se coloca para explorar a bauxita é imenso. E do outro lado estão os agricultores familiares, que estão resistindo e fazem parte de uma agricultura familiar já centenária na região, que já está aqui há centenas de anos. E é por causa dessa agricultura familiar na região que nós temos as matas preservadas, que se tem o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (patrimônio de toda a humanidade). Graças a esta população que conseguiu manter esta mata de pé.

Então, essa agricultura familiar que está resistindo consegue produzir gerando baixíssimo impacto ambiental. Ao contrário da exploração da bauxita que causa um impacto tremendo. A exploração da bauxita causa um dano ambiental irreparável, porque, no processo de extração da bauxita, precisa-se remover toda a camada superior do solo. Depois, retira a bauxita e tenta-se fazer uma maquiagem no solo, tentando recompor uma condição de produção. Mas isso é impossível, pois, aquilo que a natureza levou milhões de anos para se consolidar, aquele solo produtivo que os agricultores cuidaram ao longo de gerações, não consegue depois se apresentar nas mesmas condições, após o processo de exploração da bauxita. A atividade agrícola fica inviável naquele solo.

Então, este processo passando pela região irá gerar muita fome e muita miséria. Porque as propriedades que serão usadas no processo de mineração (caso ele ocorra) tornarão inviáveis para a agricultura. Não tem como produzir satisfatoriamente nem perto das condições atuais que se tem hoje. Tornam-se, com certeza, extremamente improdutivas, especialmente para as culturas que tem na região (café, milho, feijão) que têm exigências nutricionais que este solo depois não conseguirá suprir.

Comentário: depoimento com sentido marcadamente material que indica a preocupação com a produção agrícola ameaçada ou inviabilizada pela mineração. Enfatiza o debate sobre sustentabilidade na qual a agricultura camponesa/familiar seria uma referência. Manifesta a preocupação com o solo contrapondo-se às promessas da mineração após a lavra. Ressalta a desigualdade dos sujeitos em conflito, mas não os articula ao modo de produção capitalista.

SINDICALISTA 01

Nossa luta não é só pela defesa da terra, mas também defendemos o meio ambiente e o não uso de agrotóxico. Temos o trabalho de mobilização do pessoal para usar a menor quantidade possível de agrotóxico e temos um técnico que é custeado pelos próprios agricultores. E ele traz alternativas de diversificação do plantio na região, para que o próprio trabalhador tivesse (sic) um dinheiro que o manteria semanalmente ou mensalmente. Para que assim ninguém precise sair de sua terra para ir para a cidade. Com esse trabalho técnico passamos a produzir produtos que muitas pessoas achavam que era impossível produzir na região e mostrando outro lado real para as pessoas que é possível resistir. O trabalho do sindicato é desse nível: querendo propiciar ao agricultor que ele trabalhe na terra, conseguimos aprovar dois créditos fundiários e o fato de que os jovens conseguem trabalhar e o seu pedaço de terra para nós é uma grande vitória. Uma visão que nós temos é que a grande parte dos trabalhadores aqui do município tem pequena propriedade de terra e essa terra é muito importante para nós, pois, dentro dela é que se produz para as famílias e para sustentar a família e ao próprio município.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Porque nós temos a visão de que quem segura o comércio em Miradouro é o povo da zona rural. Toda a renda do município é empenhada dentro das nossas pequenas propriedades rurais e é onde nós defendemos. Pois, os trabalhadores têm amor à terra onde nasceram e é a maior riqueza deles. As grandes empresas só vêm para explorar a terra. E a nossa visão do movimento sindical é diferente, pois pensamos que é a pequena terra que dá sustentação. E aí eles vêm explorar, tiram o lucro da terra, vão embora e deixam a terra para nós sem recurso para sobreviver.

Comentário: identifica a resistência como defesa de uma agricultura que é economicamente viável para as famílias. Por um lado, aponta a preocupação com a resistência, por outro, indica a vinculação dessa mesma agricultura com a dinâmica reprodutiva em uma realidade capitalista naquele quadro de complexificação da realidade decorrente de políticas públicas (crédito fundiário, por exemplo) voltadas à agricultura familiar. A viabilidade econômica da agricultura camponesa é entendida dentro do metabolismo socioambiental capitalista que se desdobra na contradição entre a resistência local ao capital minerador acompanhada da defesa de incorporação dos agricultores à forma social de reprodução do capital.

ASSESSORIA TÉCNICA (TURISMO RURAL)

A Serra do Brigadeiro hoje é o destino turístico escolhido pelo Governo de Minas, pelo Governo Federal como um dos locais de alto investimento. Ou seja, aproximadamente há três anos diversas famílias que moram em torno dessa Serra, de 30 a 50 famílias estão sendo capacitadas, treinadas, orientadas sobre como receber um turista de grandes centros: Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, São Paulo, para vir visitar essa nossa Serra. Enfim, pessoas que estão trabalhando na sua propriedade, investindo em acesso, em transporte, em hospedagem, alimentação caseira, passeios turísticos. Os seus filhos estão sendo treinados como guias, um investimento grande. Turistas já vêm em grandes eventos como Carnaval, férias de julho, férias escolares de final de ano. Pessoas estão investindo, estão deixando uma verba extra pra esse agricultor familiar que tem dificuldade no seu dia a dia. (...)

Para o turismo de base comunitária funcionar nessa Serra do Brigadeiro, precisamos garantir ambientes naturais protegidos em longo prazo: as nossas matas, as nossas cachoeiras, os nossos picos. Será que é possível termos um turismo de base comunitária juntamente com o processo de mineração seja bauxita, seja do ouro, seja granito, no entorno da Serra do Brigadeiro, no entorno desse Parque Estadual? Será que esse turista, que está buscando relaxar, um ambiente natural como a nossa Serra do Brigadeiro irá escolher esse destino futuro? Tendo máquinas, tendo barulho, tendo poeira?

Comentário: a beleza paisagística nessa fala difere daquela primeira apresentada pela CPT. Aqui ela tem uma conotação claramente econômica vinculada ao turismo rural. A dimensão econômica se sobressai enquanto projetos contrapostos: turismo rural/ambiente preservado e mineração/degradação ambiental. A resistência possui uma



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

clara conotação econômica em que não contrapõe propriamente projetos políticos, mas diferentes ambientes mercantilizáveis. A mercantilização da natureza preservada se faz dentro de uma lógica econômica que não aponta qualquer crítica à sociabilidade do capital, nesse caso.

AGRICULTOR (BELIZÁRIO, DISTRITO RURAL)

Eu, assim como agricultor, queria fazer um apelo a outros agricultores que abraçassem essa causa em defesa da terra, do nosso lugar, da nossa região. E buscar informação, porque a mineradora é algo ameaçador e que vai tirar o nosso sossego na região, vai tornar a nossa terra improdutiva. E esse apelo é pra que outros agricultores participem deste movimento contrário à mineradora. E ressaltando que teve aqui em Belisário a Romaria do Trabalhador que foi organizada pela Igreja Católica, em defesa da terra e da vida. E foi assim, foi algo tão importante pra gente como agricultor. Porque a Igreja mostrou a cara e colocou assim de lado a lado com a gente agricultor e com o sindicato. Assim, isso foi algo que me deu ânimo pra continuar esta briga. Porque buscar informação com respeito ao que eles oferecem pra gente agora é desnecessário porque a gente já tomou conhecimento de tudo que eles podem trazer pra gente.

Comentário: a trajetória da agricultura camponesa vinculada à Teologia da Libertação é enfatizada ao se mencionar a Romaria. Verifica-se que a ação da Igreja Católica esteve associada aos sindicatos de trabalhadores rurais, conforme já indicado. O conflito de projetos articula a materialidade da terra e sua produção à simbologia religiosa e também à ação político-sindical. Não se verifica uma dimensão crítica à sociabilidade do capital, porém, é marcado o caráter de resistência ao resgatar a trajetória das comunidades de base, bem como ao “conclamar” os demais agricultores a resistir.

ONG AMBIENTALISTA

O impacto não somente na mineração de bauxita, mas também em outros tipos de mineração - tipo caulim, granito. A gente tem muito medo do impacto. Porque sabemos da necessidade de melhorar estradas, aumentar a densidade do trânsito, além do barulho, da poeira, dos impactos que esta mineração vai dar nesta região. Por este motivo estamos preocupados. Outra coisa muito importante para nós são as árvores. Em todas estas montanhas têm nascentes nestes córregos que alimentam os rios lá abaixo na cidade. Então, nós temos aqui realmente uma caixa de água muito importante pra essa região. E, na verdade, o impacto, o potencial desta mineração nas águas não foi bem estudado. Se você vir, no estudo de impacto ambiental, não se fala sobre o provável impacto sobre as águas, outro motivo porque estamos muito preocupados com isso.

Comentário: a preocupação com as águas abre a possibilidade de a mobilização envolver também a cidade no debate sobre a mineração, o que é um elemento a mais para a resistência. As condições materiais para a exploração mineral são apontadas



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

como impactos negativos: estradas, trânsito etc., mas acaba se restringindo às limitações ou ausência de estudos dos impactos. Não fica claro que se se trata apenas da necessidade de realizar os estudos corretos dos impactos da mineração para que ela possa se efetivar, ou de uma postura contrária à mineração.

SINDICALISTA 02

Dentro dos grandes problemas que a mineração pode trazer pra nossa região e, mais precisamente para a nossa agricultura familiar, e uma das nossas grandes preocupações, é com relação à questão do segurado especial. Ao trabalhador rural, graças a uma luta do movimento sindical na época da constituição de 1988, ficou garantido o direito a todos os benefícios da previdência social sem necessariamente ter que contribuir mensalmente com o INSS, ou seja, ele é o segurado especial da previdência. Daí, ele exercendo a sua atividade no campo, ele tem direito a todos os benefícios previdenciários. Porém, [é preciso verificar] esse trabalhador dentro da proposta da empresa que está pagando o arrendamento, não comprando a propriedade. Automaticamente o agricultor recebendo esse arrendamento, ele desenquadra [da condição] do trabalhador rural, ele desenquadra [da condição] do segurado especial, passando a ter que contribuir mensalmente com a previdência. Então, além de todos os problemas que a mineração traz para o agricultor familiar, esse pra mim é um dos principais. Principalmente a gente que trabalha com os sindicatos, trabalha com essa questão no nosso dia a dia, a gente vê o tanto que a previdência social hoje contribui para o avanço e para o desenvolvimento do local, principalmente nos pequenos municípios.

Comentário: revela uma preocupação extremamente técnica, ou econômica vinculada à previdência social. Uma justa preocupação, mas que não indica um elemento identitário mais explícito. Ao tornar o problema previdenciário um dos principais relacionados à mineração, o sindicalista acaba por limitar as ações de resistência, sem avançar para um debate do conflito entre camponeses e mineração.

AGRICULTORA 01

Então, a gente tem nosso sindicato que vem lutando contra a mineradora. Nós vemos tanta gente lutando e sofrendo por isso, então notamos que ela vai trazer só destruição. Então, o que eu puder fazer, mesmo sendo fraca, pobre e tendo pouca coisa para poder impedir, farei. Pois, estou lutando com o sindicato e quero lutar até o fim para gente não deixar isto acontecer. Porque nós amamos a nossa natureza, temos várias Campanhas da Fraternidade (todo ano tem uma) que só trabalha em defesa do meu ambiente. (...) Se a gente quer um meio ambiente com tanta defesa, por que iremos deixar os grandões chegarem e destruírem a natureza? Então o que nós pudermos fazer a gente vai fazer. Porque nós queremos o nosso verde e se eles vêm e destroem o nosso verde, o que nós teremos no dia de amanhã? Qual a alimentação que meu filho terá? E o leite do meu filho? Então terei que ir ao mercado comprar leite, frutas e tudo? Sem contar que tudo vai estar cheio de veneno. E onde eu irei morar? Na cidade? Se o povo da roça for todo para as cidades como irão morar num lugar desses? Eu gostaria que esse povo visse isso. Será que num lugar pequeno cabe tanto morador? Eles vão tirar o nosso chão e, então, para onde nós vamos? Será que eles têm um lugar para acolher todo esse povo da roça? Será que eles vão nos dar lá na cidade todo o nosso verde, o nosso vento, o nosso ar que não é poluído? Será que lá na cidade vão nos dar tudo isso a nós? Gostaria que eles vissem isso.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



AGRICULTORA 02

Mas nós estamos lutando para tirar esta realidade de algumas pessoas. Tanto é que este é um assunto que virou rotina nas nossas vidas, a mineradora virou um assunto em comum, por isso. Eu brinco e falo (...) que atrás da nossa religião tem um sindicato. Isso se deve ao fato de que quase todos os domingos tem um aviso de que vai ter reunião no sindicato. Existe reunião para isso e para aquilo. Os representantes do sindicato, que até por uma coincidência, são o pessoal de dentro da Igreja. Então, eles vão lá e trazem o que está acontecendo para a gente. Nós reunimos e, quando fala que é uma reunião sobre o sindicato e a mineradora, junta muita gente. Logo, eles tentaram manipular, fazendo uma reunião no dia de semana, no horário de nove da manhã e isso para o pessoal da roça. Mas, mesmo assim, conseguimos mostrar para eles que não importa o horário e nem o dia, o que importa é que a gente não quer a mineradora aqui na nossa região.

Comentário: trazem os elementos materiais relacionados à terra e à produção de forma vinculada à ação sindical, política e religiosa, envolvendo ainda a cidade. O enfrentamento da ameaça mineradora é entendido de forma holística, em que os diferentes elementos se articulam de forma sinérgica: associação, sindicato e Igreja são todos envolvidos na resistência. A postura política aqui é o resultado claro da articulação a uma religiosidade específica que historicamente está vinculada à trajetória das CEBs e da Teologia da Libertação. É marcadamente uma fala de resistência entendida como resultado de formas de organização social e pastoral que se fortalecem.

4. Resultados e Discussões: apontando para conclusões

Sintetizando as identidades vislumbradas nos depoimentos, pudemos verificar:

- a) A hegemonia da sociabilidade dada pelo mercado tendo em vista o contexto social mais amplo, o que inclui a gestão ambiental que passa a ser mercadologicamente desenvolvida, (PORTO-GONÇALVES, 2004).
- b) Alguns dos depoimentos revelam uma posição crítica frente à ameaça representada pela mineração, reconhecendo a materialidade do conflito relacionada à posse ou controle da terra que colocam em posições antagônicas os sujeitos sociais, porém, essa crítica não se articula de maneira evidente à relação conflituosa entre capital e campesinato na totalidade social.
- c) Os camponeses, através de seus sindicatos e comunidades, caracterizam não somente sua forma de produzir – a condição material – mas articulam-na a uma dimensão imaterial na qual são mobilizados elementos políticos e simbólicos elaborando suas identidades em uma processualidade contraditória que pode levar à constituição de identidades de legitimação, de resistência ou de projeto (CASTELS, 1999).

ISBN: 978-85-93416-00-2



Apóio





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Contraditoriamente, verifica-se a possibilidade de o campesinato assumir uma identidade de resistência diante da mineração, ao mesmo tempo em que, numa escala mais ampla, os sindicatos camponeses podem assumir uma identidade legitimadora.

d) Com relação à simbologia identitária é preciso ainda considerar que a condição camponesa apresenta-se às vezes marcada por um saudosismo conservador com relação a uma mítica condição camponesa idealizada e, outras vezes, vinculada a uma modernização – também conservadora - relacionada à lógica mercantil de uma agricultura familiar mercantilizada.

Enfim, conscientes que as posturas políticas contraditórias dos camponeses (i) diante do conflito local com a mineração e (ii) frente à totalidade capitalista são resultado da articulação de condições objetivas e subjetivas que condicionam os limites da luta camponesa, cabe-nos indagar: *como desenvolver uma extensão popular que aponte criticamente tais contradições?*

As condições objetivas conformam os limites à consciência social camponesa, mas não o fazem sem que os camponeses consigam perceber, a partir das próprias contradições sociais, os limites mesmos de suas consciências em situações específicas. Ou seja, a hegemonia do metabolismo do capital não é absoluta, ainda que assim o desejasse. Por um lado as consciências camponesas revelam uma limitação ao não apontarem criticamente em direção à superação do metabolismo do capital, por outro assumem uma postura crítica frente ao capital minerador quando a realidade conflitiva se apresenta na proximidade de suas materialidades de vidas. É aqui que pode atuar a extensão popular, de maneira análoga ao que já foi feito nos anos de formação do sindicalismo rural na região, visando à construção de uma subjetividade que articule a conflituosidade local com a contradição dos processos de reprodução da sociabilidade capitalista.

Não que os processos de formação dessa subjetividade possam ser reproduzidos, mas a dinâmica do trabalho de base pode apontar para a recriação (FREIRE, 1987) de uma consciência camponesa comprometida com a crítica da totalidade capitalista. Para isso as condições objetivas da reprodução capitalistas atuais acabam por trazer à dinâmica seu caráter contraditório: ao mesmo tempo em que buscam se impor como um



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

“pensamento único”, revelam aos camponeses que não há alternativas dentro da lógica de reprodução ampliada do capital. A condição camponesa pode então se assumir como uma identidade de projeto para além do capital. *Nessa direção devemos seguir com nossa extensão popular.*

5. Referências

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade – volume II. São Paulo: paz e Terra, 1999.

CNBB [Conferência Nacional dos Bispos do Brasil]. Histórico das CFs 1964-1988; 2011. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/campanhas-1/fraternidade/2173-historico-das-cfs?showall=&start=1>. Acesso: 04/08/2014.

CNBB [Conferência Nacional dos Bispos do Brasil]. A Igreja e a questão agrária no início do Século XXI – Documento 101. São Paulo: CNBB, 2014.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade – volume II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERREIRA NETO, Paulo Sérgio. O Centro de tecnologias Alternativas da Zona da Mata e a Serra do Brigadeiro. In: SIMPÓSIO [sobre] Contribuições para Elaboração do Plano de manejo Integrado e Participativo PESB e Entorno. Viçosa: UFV, 2000.

FÓRUM de Defesa da Vida e do Meio Ambiente. Projeto de morte, projeto de vida. Leopoldina: Cáritas Diocesana de Leopoldina. Vídeo-documentário. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wI7yuQ8isRc&list=UUHOrWp0sUZhWKextJs8_GGA. Acesso: 01/08/2014.

FÓRUM de Defesa da Vida e do Meio Ambiente. Relatório de atividades 1994-2012: da Comissão dos Atingidos pela Mineração ao Fórum de Defesa da Vida e do Meio Ambiente. Relatório: 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIRARDI, Eduardo Paulon. Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da Questão Agrária



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

brasileira. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente: [s.n], 2008.

MOVIMENTO Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais da Zona da Mata Pastorais e Movimentos Sociais, Mandatos Populares e ONGs. Desenvolvimento Sustentável na Região do entorno da Serra do Brigadeiro. (Boletins diversos, 2004).

OLIVEIRA, João Carlos Lima de. Apresentações institucionais: Instituto Estadual de Florestas (IE-MG). In: SIMPÓSIO [sobre] Contribuições para Elaboração do Plano de manejo Integrado e Participativo PESB e Entorno. Viçosa: UFV, 2000.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. O desafio ambiental. Rio de Janeiro: Record, 2004).

ROTHMAN, Franklin Daniel. A expansão dos projetos de barragens e mineração na Zona da Mata – Articulando as lutas de resistência a favor da agricultura familiar. IN: ZHOURI, Andréa & LASCHEFSKI, Klemens. Desenvolvimento de conflitos ambientais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SAQUET, Marcos Aurélio. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma nova concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SIMPÓSIO [sobre] Contribuições para Elaboração do Plano de manejo Integrado e Participativo PESB e Entorno. Viçosa: UFV, 2000.

TERRITÓRIO Rural Serra do Brigadeiro. Diferentes visões de desenvolvimento sustentável no entorno da Serra do Brigadeiro – carta aos participantes do Fórum de Desenvolvimento Rural Sustentável (comunicado 02/2011). Miradouro, setembro de 2011.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

TONET, Ivo. Método científico: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2